

AS POTENCIALIDADES DA ABORDAGEM (AUTO)BIOGRÁFICA E OS DESAFIOS EM SUA VALIDAÇÃO TEÓRICO- METODOLÓGICA

THE POTENTIALITIES OF THE (AUTO)BIOGRAPHIC APPROACH AND THE CHALLENGES REGARDING ITS THEORETICAL- METHODOLOGICAL VALIDATION

LAS POTENCIALIDADES DEL ENFOQUE (AUTO)BIOGRÁFICO Y LOS DESAFÍOS PARA SU VALIDACIÓN TEÓRICO-METODOLÓGICA

Jónata Ferreira de Moura

Doutor em Educação pela Universidade São Francisco – USF. Docente do Curso de Pedagogia e Programa de Pós-Graduação em Formação em Práticas Educativas da Universidade Federal do Maranhão – PPGFOPRED/UFMA/Centro de Ciências de Imperatriz.
jf.moura@ufma.br / <http://orcid.org/0000-0002-7733-5568>

Recebido: 01/07/2023; Aceito: 08/01/2024; Publicado: 14/05/2024.

RESUMO

Este artigo tem por objetivo problematizar as potencialidades da abordagem (auto)biográfica no fazer pesquisa, assim como os desafios que ainda enfrenta no tocante a sua validação teórico-metodológica. Realiza-se discussões do tipo bibliográfica e destaca-se as seguintes potencialidades da abordagem (auto)biográfica: inserção na investigação hermenêutica, dando sentido e compreendendo a experiência vivida e narrada; produção de dados empíricos em conformidade à formação das trajetórias guiadas pelas experiências; entendimento de que a narrativa é o lugar em que o humano toma forma, elabora e experimenta a história de sua vida em estrutura de texto; que o humano tem um corpo biográfico, singular-plural, que é um sujeito da formação que faz da tomada de consciência uma estratégia para (trans)formar-se. Quanto aos desafios, evidencia-se: evitar as tentativas de aproximá-la aos métodos de *surveys* de pesquisar; evitar a tradução dos dados como uma série de informações fragmentárias, uma ilustração e, ainda, uma representatividade estatística; impedir o empobrecimento epistemológico ao sacralizar ou até mesmo romantizar as narrativas.

Palavras-chave: Pesquisa (auto)biográfica; Narrativas; Validação.

ABSTRACT

This article aims to problematize the potential of the (auto)biographical approach in research, as well as the challenges it still faces regarding its theoretical-methodological validation. Bibliographic discussions are held and the following potentialities of the (auto)biographical approach are highlighted: its insertion in hermeneutic investigation, giving meaning and understanding the lived and narrated experience; the production of empirical data in accordance with the formation of trajectories guided by experiences; the understanding that the narrative is the place where humans take shape, elaborate and experience the story of their life in text structure; that the human has a biographical body, singular-plural, which is a subject of formation that makes awareness a strategy to (trans)form oneself. As for the challenges, the following stand out: avoiding attempts to bring it closer to survey research methods; avoid translating data as a series of fragmentary information, an illustration and even statistical representation; prevent epistemological impoverishment by sacralizing or even romanticizing narratives.

Keywords: (Auto) biographical approach; Narratives; Validation.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo problematizar el potencial del enfoque (auto)biográfico en la investigación, así como los desafíos que aún enfrenta en cuanto a su validación teórico-metodológica. Se realizan discusiones bibliográficas y se destacan las siguientes potencialidades del enfoque (auto)biográfico: su inserción en la investigación hermenéutica, dando sentido y comprensión a la experiencia vivida y narrada; la producción de datos empíricos de acuerdo con la formación de trayectorias guiadas por experiencias; la comprensión de que la narrativa es el lugar donde los humanos toman forma, elaboran y experimentan la historia de su vida en la estructura del texto; que el ser humano tiene un cuerpo biográfico, singular-plural, que es sujeto de formación que hace de la conciencia una estrategia para (trans)formarse. En cuanto a los desafíos, destacan los siguientes: evitar intentos de acercarlo a métodos de investigación por encuestas; evitar traducir los datos como una serie de información fragmentaria, una ilustración e incluso una representación estadística; prevenir el empobrecimiento epistemológico sacralizando o incluso romantizando las narrativas.

Palabras clave: Investigación (auto)biográfico; Narrativas; Validación.

PARA INÍCIO DE CONVERSA, DIGO...

Vários estudos já teorizaram sobre a abordagem (auto)biográfica¹ em muitos campos do conhecimento, como podemos encontrar no estado da arte elaborado por Ramos, Oliveira e Santos (2017). Os pesquisadores apontam que há um alargamento do horizonte das opções teóricas, das direções metodológicas e das escolhas técnicas que a abordagem (auto)biográfica vem realizando no cenário atual; dizem que, dos trabalhos analisados, a maioria está vinculada ao Brasil, mas também há alguns oriundos de países da América do Sul, América Central e Europa; os estudos analisados pelas pesquisadoras mostram que houve uma articulação com múltiplos campos do conhecimento, em especial das Ciências Humanas, Filosofia, Educação, Saúde, Ciências Sociais e Geografia. Elas afirmam também que as pesquisas fazem uso, majoritariamente, das narrativas/relatos (auto)biográficos. Então, por que mais um texto, neste caso, fruto de discussões bibliográficas especializadas, sobre a abordagem (auto)biográfica na produção de pesquisas? Em meu entendimento, ainda se faz necessário reafirmar o quanto é potente essa abordagem teórico-metodológica, pois ela ainda sofre desconfiança epistêmica e, em alguns momentos, há uso indevido de suas potencialidades.

¹ Segundo Passeggi (2010), desde os anos 2000, no Brasil, observamos um movimento que vem contribuindo para o crescimento das pesquisas envolvendo narrativas (orais, escritas, pictóricas e gestuais), por isso há uma multiplicidade de nomeações relativas ao uso de fontes (auto)biográficas, como: escritas de si, abordagem autobiográfica ou biográfica, método (auto)biográfico... Neste artigo, adoto a terminologia *abordagem (auto)biográfica*, exceto nas referências bibliográficas, por respeito ao texto original.

Assim, o presente artigo é fruto de duas pesquisas (MOURA, 2015, 2019)². Tem por objetivo problematizar as potencialidades da abordagem (auto)biográfica no fazer pesquisa, assim como os desafios que ainda enfrenta no tocante a sua validação teórico-metodológica.

Este texto resume discussões nacionais e internacionais que problematizam, teórica e metodologicamente, pesquisas de cunho (auto)biográfico, e ainda avaliam seus efeitos na produção do conhecimento pós-disciplinar e no posicionamento epistemo-político. A seguir, apresento as potencialidades da abordagem, depois os desafios que ela ainda enfrenta no cenário teórico-metodológico. Por fim, elenco algumas conclusões em aberto.

AS POTENCIALIDADES DA ABORDAGEM (AUTO)BIOGRÁFICA

Grande parte dos pesquisadores que realizam investigações na perspectiva (auto)biográfica tem afirmado, assim como Bolívar, Domingo e Fernández (2001), que essa maneira de fazer pesquisa se constitui como um enfoque próprio e entende os fenômenos sociais, em especial a Educação, como textos em que os significados e sentidos são frutos da narrativa do sujeito singular-plural. Bolívar, Domingo e Fernández (2001) chamam essa abordagem de enfoque biográfico-narrativo. Pensando em uma hermenêutica narrativa, eles se sustentam em Max van Manen³ para defender não uma nova metodologia, mas uma maneira própria de fazer pesquisa humanizada, expressa pelas narrativas e pelas biografias.

Por isso, o campo de estudos (auto)biográficos e de suas pesquisas, seja em que área for, não pode ser visto como uma panaceia universal, como nos alerta Josso (2007). Para essa pesquisadora, para mim e para tantos outros investigadores, as pesquisas que têm como suporte teórico-metodológico a abordagem (auto)biográfica

se apresentam como *uma via de conhecimento* que enriquece o repertório epistemológico, metodológico e conceitual dos educadores, terapeutas e outros profissionais da relação e das transações sociais (como a mediação, por exemplo). Ela enriquece também nosso repertório de “pessoas comuns”, permitindo-nos desenvolver uma consciência do si individual e coletivo mais sutil. (JOSSO, 2007, p. 437, grifos da autora).

Esta é uma via alimentada pelas narrativas, que, segundo Abrahão e Bolívar (2014), foram inicialmente trabalhadas na Antropologia, na Sociologia e na História como

² As investigações foram realizadas com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, Brasil (Capes) – Código de Financiamento 001.

³ Max van Manen nasceu em 1942 na cidade de Hilversum, Holanda. É um estudioso especializado em métodos de pesquisa fenomenológica e Pedagogia. É professor emérito da Faculdade de Educação da Universidade de Alberta, onde também é um Distinguished Scholar no Instituto Internacional de Metodologia Qualitativa.

metodologia de pesquisa para a problematização e o registro de problemas sociais e históricos. Depois, elas entraram no campo educativo, no entremeio da investigação e da formação, e se desenvolveram em diferentes campos, como a formação de adultos, a de professores e, mais recentemente, a de crianças⁴.

A abordagem (auto)biográfica pode apresentar diferentes variantes diante do contexto e campo de utilização, e pode ser classificada, segundo Souza (2006), ora como método, como técnica e ora como método e técnica: “a abordagem biográfica tanto é método, porque logrou no seu processo histórico vasta fundamentação teórica, quanto é técnica, porque também gozou de conflitos, consensos e implicações teórico-metodológicas sobre a sua utilização” (SOUZA, 2006, p. 29).

Essa abordagem teórico-metodológica, segundo Seixas (1997), possui três vertentes: a investigativa, a pedagógica e a terapêutica. Como viés investigativo em Educação, ela surge

em 1980, com a publicação do livro de Gaston Pineau, *Vidas das Histórias de Vida* [...]. É a partir desta data que uma enorme série de estudos no âmbito das Ciências da Educação e, mormente, sobre a profissão e a carreira docente tornou a biografia como metodologia de eleição, seguindo-se essencialmente a tendência europeia. (SEIXAS, 1997, p. 2-3, grifo do autor).

Ela simboliza a volta epistemológica privilegiando o local, o singular, o qualitativo e o oral. Como vertente pedagógica, o método possibilita a criação de uma identidade docente e ainda uma orientação e um acompanhamento da carreira docente por meio de um desenvolvimento e crescimento profissional e pessoal que os professores desejam. A título de exemplos, segundo Seixas (1997, p. 6), há “a Enunciação de Memórias, a Narrativa de Formação, a Biografia Educativa e o Diário de Campo Formativo”. No que se refere à tendência terapêutica, o método poderia ser utilizado, segundo Seixas (1997), para docentes exporem os problemas, as ansiedades, as preocupações, as tensões, o estresse, as adaptações, os mal-estares e os constrangimentos da profissão e da carreira docente.

Segundo Galvão (2005), a abordagem (auto)biográfica pode favorecer o desenvolvimento de muitas potencialidades, tendo como fonte as narrativas. A autora analisa três categorias de potencialidades, que podem ser processos de: 1) investigação em Educação; 2) reflexão pedagógica; 3) formação. Elas são descritas da seguinte forma:

- 1) [...] permite-nos aderir ao pensamento experiencial do professor, ao significado que dá às suas experiências, à avaliação de processos e de modos de atuar, assim

⁴ A pesquisadora Maria da Conceição Passeggi, professora aposentada da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil, é a pioneira na produção de pesquisas com narrativas e sua divulgação. Nos últimos anos, ela tem se dedicado às narrativas de crianças, inaugurando esse novo campo investigativo.

como permite aderir aos contextos vividos e em que se desenrolaram as ações, dando uma informação situada e avaliada do que se está a investigar [...].

- 2) [...] permite ao professor, à medida que conta uma determinada situação, compreender causas e conseqüências de atuação, criar novas estratégias num processo de reflexão, investigação e nova reflexão [...], ajuda-nos a compreender qual o papel de cada um de nós na vida dos outros [...].
- 3) [...] evidencia a relação investigação/formação, pondo em confronto saberes diferenciados, provenientes de modos de vida que refletem aprendizagens personalizadas (GALVÃO, 2005, p. 343).

Para Passeggi (2010), são dois os eixos que compõem a abordagem (auto)biográfica:

1) Dispositivo de formação do adulto; e 2) Método investigativo. O primeiro eixo, que considera o ato de narrar como um mecanismo de formação, é compreendido por dois direcionamentos: o da formação do adulto e o da formação do formador. As investigações perpassam pelas tarefas autorreflexivas e suas repercussões nos processos de formação e inserção na vida profissional e pela mediação biográfica como exercício que implica a formação de formadores para o acompanhamento das escritas de si, pois, para Passeggi (2010), acompanhar é cuidar da pessoa que caminha para si. O segundo eixo, que leva em conta as narrativas (auto)biográficas como método investigativo, possui dois direcionamentos: o estudo da formação e da análise de fontes (auto)biográficas e o de gêneros discursivos referentes às variadas maneiras de (auto)biografar.

Minha pesquisa de mestrado (MOURA, 2015) transitou: na vertente investigativa explicitada por Seixas (1997); no processo de investigação em Educação, entendido por Cecília Galvão (2005) como uma de suas potencialidades; e no eixo que considera a abordagem (auto)biográfica como investigativa, descrito por Passeggi (2010). Ou seja, usei as narrativas orais como dispositivo de investigação em Educação e fui entendendo a trajetória de formação inicial de professoras que ensinam Matemática na Educação Infantil da rede municipal de Imperatriz, Maranhão (MA) e suas relações com a matemática escolar. Assim como Passeggi (2010), concebo o sujeito como agente e paciente de interações sociais. Acredito nas posições da autora de que narrar é humano e (auto)biografar é um processo civilizatório e emancipatório.

Na investigação de doutorado (MOURA, 2019), concebi a abordagem (auto)biográfica como sendo investigativa e pedagógica, como exposto por Seixas (1997). Também a evidenciei como relação investigação-formação, como indica Galvão (2005), pois fiz uso das narrativas (narrativas pedagógicas e memorial de formação) produzidas por estudantes do curso de Pedagogia que acompanhei durante seus últimos dois anos de formação acadêmica⁵, da universidade federal em que trabalho. Além disso, destaquei-a

⁵ Amparado em Diniz-Pereira (2008, p. 255, grifos do original), lembro que o termo *formação inicial* “é criticado, mesmo em países onde as condições do trabalho docente são significativamente melhores, pelo fato

como mecanismo de formação (do adulto em formação e do formador) e como método investigativo — estudo da formação e da análise de fontes (auto)biográficas —, conforme citado por Passeggi (2010).

Em ambas as pesquisas acima e, quiçá em todas as educacionais de abordagem (auto)biográfica, no entender de Bolívar, Domingo e Fernández (2001), as narrativas possibilitaram que viesse à tona uma informação de primeira ordem para conhecer de modo mais profundo o processo educativo. Escutei os sujeitos envolvidos nas investigações, pois voz eles já tinham, mas, em muitos casos, eram silenciados e ainda não haviam sido escutados. Esta abordagem, enquanto matriz que direciona pesquisas com docentes, como foi o caso de Moura (2015), é um meio que permite com que eles reflitam sobre sua vida profissional e, assim, apropriem-se da experiência vivida, além de adquirir novas compreensões sobre si como base do desenvolvimento pessoal e profissional. Ademais, a abordagem (auto)biográfica favorece os docentes, que, a partir de suas próprias experiências, são conduzidos à compreensão de seu trabalho e a tomam como base para mudar aquilo que não lhes favorece em sua vida profissional.

Com a abordagem (auto)biográfica, há um resgate da dimensão pessoal do trabalho docente. Deixa-se de silenciar os profissionais da Educação e cria-se espaço para ouvi-los dizerem o que sentem, como trabalham, quais suas dificuldades e limitações, e como poderiam, pela experiência coletiva reflexiva, melhorar sua atividade docente. Nessa perspectiva, o professor deixa de ser mais um sujeito em formação e passa a ser sujeito da formação, como defende Josso (2010).

Com isso, a abordagem estimula docentes a se apresentarem por eles mesmos, em lugar de subordinar suas vozes aos propósitos acadêmicos de rigor científico, servindo de catalizadores para compreender a riqueza e a indeterminação de suas vidas e de seu trabalho. Isto é, a abordagem (auto)biográfica evidencia a dimensão pessoal das reformas escolares (BOLÍVAR; DOMINGO; FERNÁNDEZ, 2001) e o ser assume a posição de sujeito epistêmico-político biográfico⁶, pois

de essa formação *iniciar-se* muito antes da entrada em um curso ou programa que se desenvolve em uma instituição de ensino superior. A profissão docente é *sui generis*, pois, mesmo antes da sua escolha ou de seu exercício, o futuro profissional já conviveu aproximadamente 12.000 horas com a figura do professor durante o seu percurso escolar (LORTIE, 1975). Dessa maneira, defendo a utilização do termo ‘formação acadêmico-profissional’ — para essa etapa da formação que acontece no interior das instituições de ensino superior (e, para ser coerente com o conteúdo deste texto, no interior das escolas) — no lugar de ‘formação inicial.’” A partir disso, uso o termo *formação inicial* para me referir à etapa da formação que acontece no interior das instituições escolares quando os adultos cursam a Educação Básica, e o termo *formação acadêmica* para me referir à etapa da formação que acontece no interior das instituições de Ensino Superior.

⁶ Sujeito epistêmico-político é uma ideia criada e discutida por Gastou Pineau; e sujeito biográfico é uma expressão criada e discutida por Passeggi (2016).

a maneira como os indivíduos *biografam* suas experiências e, em primeiro lugar, a maneira como integram em suas construções biográficas o que *fazem* e o que são na família, na escola, na sua profissão e na formação continuada são parte integrante do processo de aprendizagem e de formação. (DELORY-MOMBERGER, 2014, p. 30, grifos do autor).

Um dos grandes expoentes da abordagem (auto)biográfica como dispositivo teórico-metodológico é o sociólogo alemão Fritz Schütze. Ele desenvolveu nos anos 1970 um método de produção e análise de dados narrativos chamado Entrevista Narrativa, cuja principal característica é a exploração de narrativas “improvisadas”, isto é, relatos que o narrador produz sem preparação prévia e sem interrupção do entrevistador. Este solicita que aquele narre sua história de vida a partir de um convite amplo e pouco diretivo e, somente ao final, faz perguntas específicas sobre a história contada.

Germano (2009, p. 2), sustentada em Gabriele Rosenthal⁷, explica que o método de Schütze faz parte de um panorama mais amplo:

É importante lembrar que o método de Schütze insere-se num panorama de revitalização dos estudos biográficos e de crescente interesse pela centralidade da narrativa, iniciado nos anos 70, que afetou não apenas a sociologia alemã, mas também a sociologia em nível internacional (por exemplo, os trabalhos de Bertaux, de Chamberlayne, Bornat & Wengraf, de Denzin, de Gubrium & Holstein). Na psicologia, esse interesse pode ser acompanhado em Jerome Bruner e Dan McAdams, entre muitos outros.

Bem antes da década de 1970, a abordagem (auto)biográfica foi amplamente empregada nas décadas de 1920 e 1930 pelos sociólogos da Escola de Chicago, motivados pela busca de alternativas à Sociologia positivista. Depois disso, caiu em quase completo desuso nas décadas seguintes, em razão da preponderância da pesquisa empírica entre os sociólogos estadunidenses. Por volta da década de 1970 e 1980, no cenário europeu, a abordagem (auto)biográfica passou a ser novamente utilizada no campo da Sociologia, dando força a muitas discussões, sobretudo, quanto aos procedimentos e aspectos epistemológicos da abordagem (BUENO, 2002).

Para Bolívar, Domingo e Fernández (2001), a Escola de Chicago é considerada a gênese no uso das histórias de vida e da abordagem (auto)biográfica em pesquisa, principalmente, durante os anos de 1980 com a ida de Paul Ricoeur, como professor visitante, ao grupo, tendo, então, suas principais publicações sobre a temática traduzidas

⁷ Gabriele Rosenthal é professora de Métodos Qualitativos no Center of Methods in Social Sciences, na Georg-August-University de Gotinga, na Alemanha. Ela é atualmente a presidente do Research Committee: “Biography and Society” (RC 38) na International Sociological Association (ISA). Posições anteriores incluem uma cátedra de Sociologia Geral na University of Cologne e uma de Terapia Social na University of Kassel. Desde 1989, ela ensina Métodos Qualitativos e Pesquisa Biográfica como professora convidada na Bem-Gurion University de Neguev, Berseba, Israel. Seu maior foco de pesquisa está no impacto intergeracional da história familiar e coletiva em estruturas biográficas e padrões acionais de sistemas individuais e familiares.

para o inglês. Para os autores, a maior contribuição dessa instituição para a abordagem (auto)biográfica é “entender a vida social desde a perspectiva dos atores, em lugar de uma instancia teórica dedutiva⁸” (BOLÍVAR; DOMINGO; FERNÁNDEZ, 2001, p. 79, tradução minha).

Esse retorno da abordagem, na década de 1980, também se justifica, segundo Ferrarotti (2010, 2014) e Bolívar, Domingo e Fernández (2001), pela queda das grandes teorias, com seus correspondentes metarrelatos, de grande ambição explicativa, dando lugar aos relatos individuais, aos grandes temas sociológicos, começando a ver-se complementados pelas entrevistas, ou seja, pela crise dos métodos quantitativos. Segundo Bolívar, Domingo e Fernández (2001, p. 80, tradução minha),

o retorno à abordagem biográfica corresponde – então – como uma certa crise dos métodos quantitativos por não dar conta dos microdispositivos que regulam a vida cotidiana, as vivências dos indivíduos em contextos sociais determinados, ou a incapacidade dos questionários em captar a voz das pessoas⁹.

Assim como Germano (2009), Weller (2009) também destaca a atuação e a contribuição importantíssima de Fritz Schütze para a retomada e a ressignificação da abordagem (auto)biográfica nas Ciências Sociais e na Educação:

Além de enfatizar a importância de pesquisas voltadas para a reconstrução da perspectiva do indivíduo sobre a realidade social em que ele vive e que também é construída e modificada por ele, Schütze contribuiu significativamente para a retomada e ressignificação da pesquisa biográfica nas ciências sociais e na educação, direcionando a análise para as estruturas processuais dos cursos de vida, ou seja, para os elementos centrais que “moldam” as biografias e que são relevantes para a compreensão das posições e papéis ocupados pelos indivíduos na estrutura social (WELLER, 2009, p. 4).

Muitos desses elementos centrais que moldam as biografias e são notáveis para a compressão das posições e papéis ocupados por cada um de nós na estrutura social podem ser encontrados em nossas experiências-referências e refletidos em nossos grupos-referências. Para Gabriel (2011), as experiências-referências podem ser momentos, responsáveis pela tomada de consciência de si ou não, que moldaram a biografia do ser humano, dando-lhe corpo. São experiências tomadas como referências na trajetória de formação das pessoas, por exemplo: as aulas de matemática escolar, uma reprovação, a realização de um estágio, a apresentação de um trabalho em um evento científico, o recebimento de uma premiação, a entrada no magistério e seus primeiros anos de atuação,

⁸ entender la vida social desde la perspectiva de los actores, en lugar de una instancia teórica deductiva.

⁹ la vuelta al enfoque biográfico se corresponde – entonces – con una certa crisis de los métodos cuantitativos por no poder dar cuenta de los microdispositivos que regulan la vida cotidiana, las vivencias de los individuos en contextos sociales determinados, o la incapacidad de los cuestionarios por captar la voz de las gentes.

as decepções e frustrações do corpo e da alma. Os grupos-referências estruturam nossa maneira de ser, pensar e agir, e são referências em nossas vidas para as mais diversas situações com que nos deparamos no contexto social. São grupos a que pertencemos desde a mais tenra idade, como a família, a igreja, a escola, a comunidade e o ambiente de trabalho. Sobre a referência, Ricoeur (2010, p. 120) assinala:

Toda referência é correferência, referência dialógica ou dialogal. Não se trata, pois, de escolher entre uma estética da recepção e uma ontologia da obra de arte. O que um leitor recebe é não somente o sentido da obra, mas, por meio de seu sentido, sua referência, ou seja, a experiência que ela faz chegar à linguagem e, em última análise, do mundo e sua temporalidade, que ela exhibe diante de si.

Por isso, nos grupos-referências, as pessoas se aproximam e se sustentam. Para elas, aquele(s) grupo(s) só fazem parte de sua vida porque representam muito do que pensam, sentem, imaginam e até mesmo idealizam como maneira de viver. São grupos em que, na maioria das vezes, os vínculos entre os participantes aparecem como elementos de resistência ou até mesmo como nascedouro de experiências, que se abrem para outras experiências. Por isso, muitos pesquisadores advogam o crescente interesse sobre a abordagem (auto)biográfica.

Para tornar explícito esse interesse progressivo nos últimos anos, Bueno (2002, p. 18-19, grifos meus) fez um exame utilizando Franco Ferrarotti para mostrar como essa visibilidade foi ocorrendo:

O exame realizado por Ferrarotti no intento de mostrar a especificidade do método biográfico se inicia pela consideração dos dois tipos de materiais que podem ser utilizados nessa abordagem: *os materiais biográficos primários*, isto é, as narrativas ou relatos autobiográficos recolhidos por um pesquisador, em geral através de entrevistas realizadas em situação face a face; e *os materiais biográficos secundários*, isto é, os materiais biográficos de toda espécie, tais como: correspondências, diários, narrativas diversas, documentos oficiais, fotografias, etc., cuja produção e existência não tiveram por objetivo servir a fins de pesquisa. Em suas versões tradicionais, o método biográfico sempre deu maior preferência aos materiais secundários, por se mostrarem estes mais objetivos. Mas para Ferrarotti, a condição fundamental para uma renovação do método biográfico passa pela inversão dessa tendência. Na defesa deste ponto ele é enfático, chegando mesmo a *conclamar os pesquisadores a fazerem mais uso das narrativas autobiográficas, pois são elas que trazem e explicitam com toda a força a subjetividade do sujeito*.

Percebo, então, a importância das narrativas para a abordagem (auto)biográfica na explicitação da subjetividade do ser social e cultural. Dizendo de outra maneira, com a narrativa, as pessoas rememoram o que aconteceu e atribuem sentido à experiência, uma vez que narrar é a forma primeira de comunicação humana. Por meio dela, segundo

Schütze (2011), pretende-se revelar estruturas de processos pessoais e sociais de ação e de sofrimento como possíveis recursos de enfrentamento e mudança.

As narrativas são formas elementares de comunicação humana ou, no dizer de Benjamin (1994), formas artesanais de comunicação. Por seu intermédio, as pessoas contam suas histórias, lembram-se de suas experiências, encontram possíveis explicações para elas. Segundo Jovchelovitch e Bauer (2012, p. 91), “contar histórias implica estados intencionais que aliviam, ou ao menos tornam familiares, acontecimentos e sentimentos que confrontam a vida cotidiana normal.”

No campo da educação escolar, as narrativas possuem grande importância e potência para a formação, atuação e atualização docente, pois, no entendimento de Bolívar, Domingo e Fernández (2001, p. 62, tradução minha), uma das tarefas da narrativa

É ajudar os professores a melhorarem o que fazem, não prescrever o que tenham que fazer, contribuindo a compreender, analisar e interpretar sucessos particulares. Rompendo decididamente com uma concepção de racionalidade instrumental ou tecnológica de ensino, a narratividade se dirige à natureza contextual, específica e complexa dos processos educativos, sendo importante o que os professores pensam neste processo, que sempre inclui, além dos aspectos técnicos, dimensões morais, emotivas e políticas¹⁰.

Ainda segundo esses autores, as narrativas permitem, por um lado, entender o modo como os professores vivenciam suas realidades de sala de aula, sua prática docente, e, por outro, os projetos de desenvolvimento ou mudança futura. Por isso, para eles,

o presente interesse pelas narrativas vem a ser expressão de uma profunda insatisfação com os já utilizados modos de pesquisa educativa, nos quais a teoria usada era a base da intervenção docente, e também com as pesquisas em que as vozes dos professores eram sempre silenciadas¹¹. (BOLÍVAR; DOMINGO; FERNÁNDEZ, 2001, p. 58, tradução minha)

É na narrativa que essas histórias de vida têm espaço. A narrativa é o lugar em que o humano toma forma, elabora e experimenta a história de sua vida em estrutura de texto. Trata-se de um texto vivo e carregado de sentimentos polissêmicos. Para Delory-Momberger (2006), o sujeito se institui no discurso, compreendendo-se como um projeto

¹⁰ es ayudar a los profesores a mejorar lo que hacen, no prescribir lo que tengan que hacer, contribuyendo a comprender, analizar e interpretar sucesos particulares. Rompiendo decididamente con una concepción de racionalidade instrumental o tecnológica de la enseñanza, la narratividade se dirige a la naturaleza contextual, específica y compleja de los procesos educativos, importando el juicio del profesor en este proceso, que siempre incluye, además de los aspectos técnicos, dimensiones morales, emotivas y políticas.

¹¹ el presente interés por la narrativa viene a ser expresión, entonces, de una profunda insatisfacción con los modos habituales de investigación educativa, en los que la teoría descubierta era la base para la intervención docente; y donde las voces de los profesores eran silenciadas.

de si mesmo. Isso só é possível devido à narrativa, que dá forma à vivência e à experiência das pessoas.

A narrativa realiza, sobre o material indefinido do vivido, um trabalho de homogeneização, ordenação, de funcionalidade significante; reúne, organiza e trata de modo temático os acontecimentos da existência; dá sentido a um vivido multiforme, heterogêneo, polissêmico. É a narrativa que designa os papéis aos personagens de nossas vidas, que define posições e valores entre eles. É a narrativa que constrói entre as circunstâncias, os acontecimentos, as ações, relações de causa, de meio, de fim; que polariza as linhas de nossos *argumentos* entre um começo e um fim e os atrai para sua conclusão; que transforma a relação de sucessão dos acontecimentos nos encadeamentos acabados; que compõe uma totalidade significativa em que cada acontecimento encontra seu lugar de acordo com sua contribuição à realização da história contada. É a narrativa que faz de nós o próprio personagem de nossa vida, é ela enfim que dá uma história à nossa vida: *nós não fazemos a narrativa de nossa vida porque nós temos uma história; nós temos uma história porque nós fazemos a narrativa de nossa vida.* (DELORY-MOMBERGER, 2006, p. 363, grifos da autora)

Por isso, são importantes as múltiplas maneiras de registrar os escritos que fazem a narrativa da vida, uma vez que é a narrativa que possibilita que pesquisadores que utilizam a abordagem (auto)biográfica em suas pesquisas tenham acesso ao modo como homens e mulheres, jovens e crianças de um espaço-tempo, de uma cultura, de um grupo social, biografam sua vida. Pois, reforçando o que diz Delory-Momberger (2014, p. 35, grifos da autora), “a narrativa apresenta-se como a *linguagem* do fato biográfico primordial, como *discurso* no qual escrevemos nossa vida [...], como o operador da *tessitura da intriga*, mediante a qual fazemos de nossa vida uma história”.

De acordo Bolívar, Domingo e Fernández (2001), não devemos conceber a narrativa a partir de um sentido trivial, que considera um texto em prosa como um conjunto de enunciados sequenciados, mas sim como um tipo muito especial de discurso, consistente em uma narração, em que uma experiência humana é expressa em um relato. Os autores concebem a narrativa como

uma experiência expressada como um relato; por outro lado (como enfoque de pesquisa), as pautas/formas de construir sentido, a partir de ações temporais das pessoas, por meio da descrição e da análise de dados biográficos. É uma particular reconstrução da experiência (do plano da ação ao sintagmático da linguagem), pela qual – mediante um processo reflexivo – se dá significado ao acontecido ou ao vivido¹² (BOLÍVAR; DOMINGO; FERNÁNDEZ, 2001, p. 20, tradução minha).

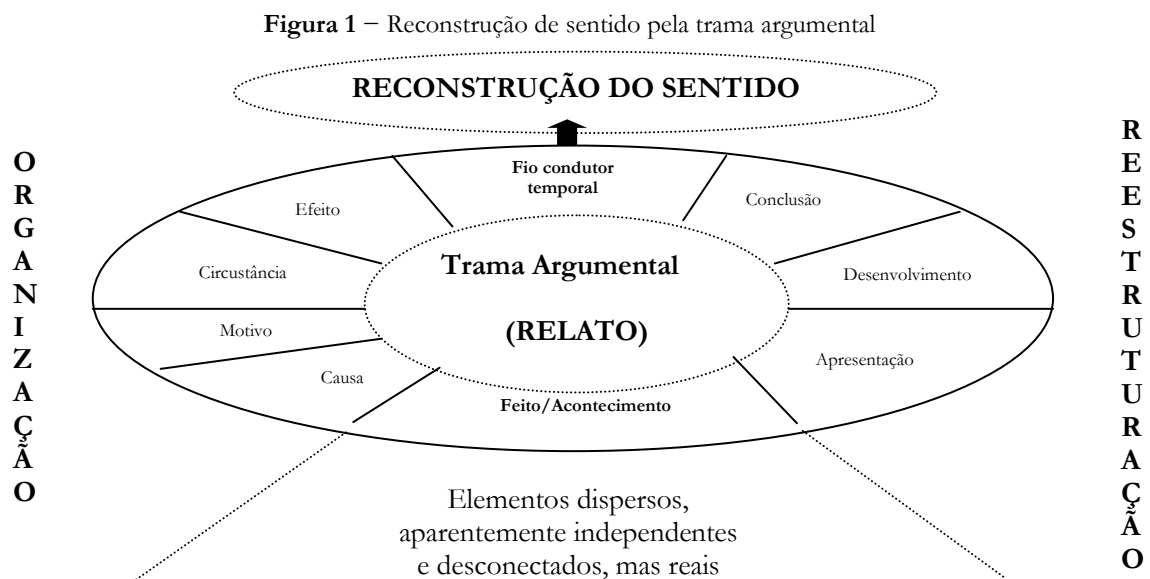
¹² una experiencia expresada como un relato; por outro (como enfoque de investigación), las pautas/formas de construir sentido, a partir de acciones temporales personales, por medio de la descripción y análisis de los datos biográficos. Es una particular reconstrucción de la experiencia (del plano de la acción al sintagmático del lenguaje), por la que – mediante un proceso reflexivo – se da significado a lo sucedido o vivido.

Por conta dessa particular reconstrução da experiência, aquela experiência que passa de pessoa a pessoa e que nutre os narradores, para Benjamim (1994, p. 204), a narrativa “conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver [...]”. Assim, mediante um processo reflexivo pode-se dar significado ao acontecido ou ao vivido.

Um elemento crucial em uma narrativa é o enredo (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2012) ou a trama (BOLÍVAR; DOMINGO; FERNÁNDEZ, 2001). Para os autores, é o enredo/trama que dá coerência e sentido à narrativa, e propicia unidade e inteligibilidade à multiplicidade e à heterogeneidade de acontecimentos. Esse elemento é central, pois, ao narrar (ato que se estabelece de acordo com cada indivíduo), a pessoa conta uma história que só será compreendida pelo ouvinte ou pelo leitor caso tenha sentido e coerência. Havendo esses elementos, um fato histórico, um acontecimento educacional, um romance, uma peça teatral, poderão produzir deslocamentos, tanto no entrevistador/ouvinte como no entrevistado/narrador.

Segundo Jovchelovitch e Bauer (2012, p. 92), “é o enredo de uma narrativa que define o espaço de tempo que marca o começo e o fim de uma história”. O tempo é uma dimensão ímpar na experiência, pois a consciência de nossa vida está estruturada temporalmente e não em um conjunto de proposições categóricas, dadas e cristalinas.

Mostrando como a trama é o elemento central em uma narrativa, Bolívar, Domingo e Fernández (2001) apresentam uma síntese para asseverar que a narrativa possibilita a reconstrução do sentido a partir da perspectiva do narrador.



Fonte: Bolívar, Domingo e Fernández (2001, p. 25, tradução minha).

Para Bertaux (2010), a utilização das narrativas de vida se mostra particularmente eficaz, pois, com elas, produzem-se dados empíricos em conformidade à formação das trajetórias, por isso sua importância na abordagem (auto)biográfica de fazer pesquisa. As narrativas possibilitam identificar por meio de quais mecanismos e processos os seres humanos chegaram a uma dada situação, como se dedicam para administrá-la e até mesmo superá-la.

As narrativas de vida possuem três funções essenciais: exploratória, analítica e expressiva. Para Bertaux (2010, p. 67), “na fase exploratória, as primeiras entrevistas têm a função principal de [iniciar o pesquisador] nas particularidades do terreno ou do fenômeno que ele escolheu para pesquisar”. Na segunda função, nutrido pela escuta e pela análise dos primeiros diálogos e das informações encontradas em outras fontes, o pesquisador

trabalha para aperfeiçoá-las multiplicando as narrativas de vida, seguindo pela reflexão as pistas que os testemunhos lhe oferecem, desenvolvendo os indícios que lhe são fornecidos pelos torneios de uma frase. Sua escuta é melhor; ele pode, deixando o sujeito contar sua experiência pessoal, fixar a sua atenção *além*, sobre o que essa experiência revela das *relações sociais* no seio das quais ela se inscreve.

[...] Sua função será então revelar uma profusão de indícios que permitam esboçar hipótese após hipótese, testar estas últimas pela comparação e só conservar as mais pertinentes para a construção do modelo (BERTAUX, 2010, p. 68, grifos do autor).

Segundo Bertaux (2010), grande parte das narrativas de vida está carregada de força expressiva — a terceira função —, o que leva o pesquisador a ser tentado a publicá-las; entretanto, há muitas reticências no campo acadêmico quanto a esse tipo de publicação. Contudo, esse sentimento vem sendo discutido por publicações resultantes de muitas pesquisas em programas de pós-graduação e/ou eventos científicos. Uma das referências mais utilizadas, segundo estudiosos da área, como exemplo dessa função expressiva das narrativas é *A miséria do mundo*, escrita por Pierre Bourdieu, em 1993. Isso impactou bastante os novos escritos de pesquisas na abordagem (auto)biográfica.

Bueno *et al.* (2006) apresentam um mapeamento de trabalhos científicos que fizeram uso dessa perspectiva como metodologia de investigação científica no Brasil. As autoras analisam dissertações, teses, livros e periódicos científicos, revelando o crescente aumento dessa abordagem no país a partir dos anos 1990.

Muitos dos trabalhos mapeados por Bueno *et al.* (2006) nascem de grupos de pesquisas criados desde a década de 1990, que têm contribuído para esse crescimento no cenário brasileiro. Só a título de exemplo cito: o Grupo de Estudos Docência, Memória e Gênero da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (Gedomge/FE/USP), criado em 1994; o Grupo Interdisciplinar de Pesquisa, Formação, Auto.Bio.Grafia e

Representações Sociais do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Grifars/PPGED/UFRN), fundado em 1999; o Grupo de Pesquisa (Auto)Biografia, Formação e História Oral do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia (Grafho/PPGEduC/Uneb), criado em 2002; o Grupo de História Oral e Educação Matemática do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, *campus* de Bauru (Ghoem/Unesp), criado em 2002; e o grupo de Histórias de Formação de Professores que Ensinam Matemática, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade São Francisco (Hifopem/USF), fundado em 2010.

O Hifopem tem mais de uma década de história de estudos e pesquisas na abordagem (auto)biográfica. Trata-se de um grupo sob a liderança de Adair Mendes Nacarato em conjunto comigo, certificado no Diretório de Grupos de Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e vinculado ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade São Francisco (USF), *campus* Itatiba, São Paulo (SP), e ao Programa de Pós-Graduação em Formação Docente em Práticas Educativas da Universidade Federal do Maranhão, do Centro de Ciências de Imperatriz (UFMA/CCIM). Ele “congrega estudantes de pós-graduação, de pós-doutorado e pesquisadores egressos do Programa, que mantêm vínculo com o grupo” (NACARATO, 2018, p. 15). Coletivamente, já foram publicadas duas obras: na primeira (NACARATO, 2018), divulgamos os resultados das investigações dos participantes do grupo; na segunda (NACARATO; MOURA, 2022), escrevemos sobre nossa constituição como pesquisadores narrativos. “Avaliamos que estamos num momento em que a identidade do grupo reverbera nas pesquisas dos seus integrantes; há fortes indícios de que a colaboração que existe no grupo vem sendo potente para a nossa constituição como pesquisadores” (NACARATO; MOURA, 2022, p. 18).

Esses grupos e tantos outros têm fortalecido as discussões sobre a abordagem (auto)biográfica de fazer pesquisa no cenário nacional e contribuído para a difícil tarefa de desconstruir mitos e representações equivocadas sobre essa abordagem investigativa. Isso, para Passeggi, Souza e Vicentini (2011, p. 382), é de fundamental importância, pois,

na sua dimensão de campo de pesquisa, em consolidação e expansão no Brasil, a pesquisa (auto)biográfica tem se firmado, marcadamente, pela diversidade de entradas e modos singulares adotado nos programas de pós-graduação, em suas linhas e grupos de pesquisa. Essa diversidade vem ampliando princípios teórico-metodológicos para apreender dimensões de formação, condições de trabalho e formação, aspectos relacionados à história da profissão, tendo em vista as

fertilidades que vinculam biografia e educação, especialmente no âmbito da formação docente.

Alguns grupos vêm estreitando o diálogo com pesquisadores de diferentes nacionalidades, com parcerias em distintas empreitadas, uma delas é a realização de eventos científicos, nos quais há trocas de saberes nas mais diversas áreas. No que se refere aos eventos científicos, desde 2004, tem sido realizado o Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)biográfica (Cipa), e as diversas edições do evento configuram-se como espaços de criação e circularidade de conhecimento sobre a abordagem (auto)biográfica no Brasil e de diálogos em rede nacional e internacional de investigação. No *site*¹³ da Associação Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica (Biograph), encontramos informações acerca das edições anteriores do Congresso:

Quadro 1 – Edições anteriores do Cipa

Edição	Local	Data	Tema
I	Porto Alegre/RS	Set. 2004	A aventura (auto) biográfica: teoria e empiria
II	Salvador/BA	Set. 2006	Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si
III	Natal/RN	Set. 2008	(Auto)biografia: formação, territórios e saberes
IV	São Paulo/SP	Jul. 2010	Espaço (Auto)biográfico: artes de viver, conhecer e formar
V	Porto Alegre/RS	Out. 2012	Pesquisa (auto)biográfica: lugares, trajetos e desafios
VI	Rio de Janeiro/RJ	Jul. 2014	Entre o público e o privado: modos de viver, narrar e guardar
VII	Cuiabá/MT	Jul. 2016	Pesquisa (auto)biográfica: conhecimentos, experiências e sentidos
VIII	São Paulo/SP	Abr. 2018	Pesquisa (Auto)biográfica, mobilidades e incertezas: novos arranjos sociais e refigurações identitárias
IX	Brasília/DF	Jun. 2021	Narrativas em tempos incertos: democracia, memórias e utopias

Fonte: Adaptado de Biograph.

A edição do último Cipa, de 2021, a exemplo das edições anteriores, reuniu pesquisadores de universidades brasileiras e do exterior, graduandos, pós-graduandos, professores da Educação Básica, membros de associações científicas nacionais e internacionais, interessados na produção científica e em práticas (auto)formativas, nas diversas áreas do conhecimento que pesquisam o humano, com base em narrativas de sua própria experiência.

A investigação realizada por Bueno *et al.* (2006), os debates nos grupos de pesquisa e nos eventos científicos, a meu ver, indicam que os elementos que moldam as biografias são pensamentos que, ao transformarem-se em linguagem, reestruturam-se e modificam-se, sendo, então, o pensamento realizado na palavra, materializada em narrativas. “A linguagem tem um papel chave na construção de significado e experiência, enquanto que

¹³ https://biograph.org.br/index.php?option=com_content&view=category&layout=blog&id=40&Itemid=76

pensamentos, sentimentos e ações estão mediados semiótica e linguisticamente¹⁴” (BOLÍVAR; DOMINGO; FERNÁNDEZ, 2001, p. 22, tradução minha).

Assim, na abordagem (auto)biográfica de fazer pesquisa, as narrativas aparecem como outra maneira de conhecimento, de investigação. Elas se inserem dentro da investigação hermenêutica sem querer se sobrepor às já existentes, mas dando sentido e compreendendo a experiência vivida e narrada. A investigação pelas narrativas defende a não existência da neutralidade entre pesquisador e objeto investigado, já que os sujeitos de uma pesquisa falam de si sem silenciar sua posição diante dos feitos descritos. Galvão (2005, p. 329), citando Bruner, assinala que as narrativas “são uma versão da realidade cuja aceitabilidade é governada mais por convenção e necessidade, do que verificação empírica e requisitos lógicos, embora continuemos a chamá-las de histórias verdadeiras e falsas”.

Para Bueno (2002), as narrativas têm um caráter subjetivo, intencional e não linear. A relação de comunicação é estabelecida, e nela as emoções, os sentimentos, os desejos e as histórias particulares podem aparecer com menos ou mais intensidade, dando espaço a múltiplas interpretações, por isso é importante a narrativa na abordagem (auto)biográfica de fazer pesquisa.

O valor heurístico do método biográfico torna-se então legítimo, não apenas em decorrência deste caráter específico da narrativa, mas, também, porque a biografia é uma micro-relação social. Aquele que narra sua história de vida sempre narra para alguém. Ou seja, no processo de elaboração de sua narrativa há sempre a tentativa de uma comunicação, mesmo que seja com um interlocutor imaginário, como é o que muitas vezes acontece com os diários íntimos. Tanto mais isto se aplica à situação da entrevista, na qual o pesquisador é quem estimula e recolhe a narrativa. Quem conta a sua vida, não conta a um gravador, mas sim a um indivíduo. Além do mais, sua narrativa não é um relatório de acontecimentos, mas a totalidade de uma experiência de vida que ali se comunica. Disto se evidencia o caráter de intencionalidade comunicativa da narrativa autobiográfica (BUENO, 2002, p. 20).

Então, “o método biográfico apresenta-se como opção e alternativa para fazer a mediação entre as ações e a estrutura, ou seja, entre a história individual e a história social” (BUENO, 2002, p. 17). Amparado em Bolívar, Domingo e Fernández (2001), acredito que as práticas sociais têm histórias e que os sentidos dessas práticas só podem ser entendidos dentro de uma unidade narrativa da vida. Por isso, no universo de investigações pela abordagem (auto)biográfica, o pesquisador precisa questionar-se sobre qual é seu papel, como ele habita sua pesquisa, pois uma investigação é um texto e, como tal,

¹⁴ El lenguaje tiene un papel clave en la construcción de significado y experiencia, en cuanto que pensamientos, sentimientos y acciones están mediados semiótica y lingüísticamente.

é um “campo”, uma área bem definida. É algo “vivido”: com uma origem e um desenvolvimento, com progressos e regressões, com contornos sumariamente precisos, com suas cifras e seu significado. Devo me aproximar a este texto com atenção humilde, silenciando o “aventureiro interior”. É preciso aproximar-se do texto com o cuidado e o respeito devido ao outro. Entra-se no texto. Não basta ler-lo com atenção externa de quem ler somente para se informar. É necessário “habitá-lo”¹⁵ (FERRAROTTI, 2007, p. 28, tradução minha).

A abordagem (auto)biográfica revela sua importância como dispositivo não só de investigação, mas também de formação, pois “permite que cada pessoa identifique na sua própria história de vida aquilo que foi realmente formador” (NÓVOA; FINGER, 2010, p. 24). Essa afirmativa de Nóvoa e Finger é uma das sustentações do valor das narrativas dos sujeitos que participaram de minhas pesquisas (MOURA, 2015, 2019), assim como as reflexões que realizei sobre minha trajetória de formação.

Identificar o que realmente foi formador em algumas experiências-referências e grupos-referências olhando para dentro de mim mesmo, assim como fizeram as professoras entrevistadas e os estudantes de Pedagogia que escreveram seus memoriais, fez com que eu refletisse sobre os elementos que Josso (2010) discute no que se refere ao sujeito da formação: a sensatez entre a autonomia e a conformidade; o equilíbrio entre ter responsabilidades e uma posição de dependência; e, ainda, o dilema do eu (interioridade) e a persona (exterioridade). Com isso, “nossas experiências nos ajudam a olharmos para nós, enxergando-nos na perspectiva de um corpo biográfico, de um singular-plural, de um sujeito da formação que faz da tomada de consciência uma estratégia para (trans)formar-se” (MOURA, 2019, p. 200) e, assim, criar projetos de si.

Pela abordagem (auto)biográfica de fazer pesquisa, os projetos de si são concebidos “como as análises sistemáticas dos projetos que uma pessoa tinha em uma determinada época ou dos planejamentos atuais em relação ao futuro” (MOURA; NACARATO, 2019, p. 1134). Ao utilizar essas análises, o sujeito da pesquisa que narra sua história de vida e formação faz um balanço sobre as possibilidades de ação, os desejos e os sonhos que tinha no passado ou que tem no presente, com a intensão de planejar a ação seguinte.

Nesse sentido, pensar pesquisa a partir da abordagem (auto)biográfica é pensá-la para além do discurso, das formas orais ou escritas de um verbo realizado. Essa abordagem é um dispositivo teórico-metodológico que pode nos ajudar a enxergar o outro lado da margem, metaforicamente falando; usando novas perspectivas, poderemos estar solícitos ao que ainda não conhecemos e acrescentar novas aprendizagens.

¹⁵es un “campo”, un área más bien definida. Es algo “vivido”: con un origen y un desarrollo, con progresiones y regresiones, con contornos sumamente precisos, con sus cifras y su significado. Debo aproximarme a este texto con atención humilde, silenciando al “aventurero interior”. Se requiere acercarse al texto con el cuidado y el respeto debido a otro distinto de uno mismo. Se entra en el texto. No basta con leerlo con la atención externa de quien lee sólo para informarse. Es necesario “habitarlo”.

DESAFIOS ENFRENTADOS PELA ABORDAGEM (AUTO)BIOGRÁFICA

Mas nem só de potencialidades vive a abordagem (auto)biográfica. Muitos são seus desafios. O primeiro é o total reconhecimento acadêmico-científico, não na contraposição aos ideais positivistas de produção de Ciência, mas na vivência colegiada; não em substituição de outras abordagens teórico-metodológicas, mas no que se refere ao reconhecimento de suas bases teóricas e metodológicas. Tentar desconfigurar a abordagem (auto)biográfica é uma maneira de não a reconhecer como pesquisa, como nos alerta Souza (2020, p. 204): “A pesquisa (auto)biográfica e não só ela, mas outras tantas abordagens e investigações nos campos das Ciências Humanas e Sociais, que muito têm sido vilipendiadas, desconfiguradas e muitas vezes negadas como não ciência”.

Outros desafios se destringem nos usos indevidos que fazem da abordagem (auto)biográfica como dispositivo de pesquisa. Ferrarotti (2007, 2010, 2014) é o teórico que mais tem exposto e combatido as proposições insólitas sobre a abordagem. Suas críticas são árduas sobre afirmativas que querem descaracterizar as narrativas e colocá-las no interior de um quadro tradicional teórico-metodológico. Ele começa dizendo que

a história de vida como método autônomo implica necessariamente uma *historicidade não historicista*. Em outras palavras, implica uma ruptura com a concepção da história enquanto sucessão diacrônica, orientada para suposta verdade de um sentido geral, monopolizado pelas elites, depositárias exclusivas do valor. A história de vida não se apresenta mais *como* um conjunto de elementos para ilustrar o que já é conhecido, nem como um acréscimo facultativo, sob forma qualitativa, nem de resultados, de resultados incontestes da pesquisa, alcançados por meio de técnicas de padronização da medida exata (FERRAROTTI, 2014, p. 50-51, grifos do autor).

O autor expõe alguns usos indevidos da abordagem (auto)biográfica. Para Ferrarotti (2010), alguns sociólogos, e acrescento outros pesquisadores de outras áreas, realizaram um empobrecimento epistemológico da (auto)biografia, pois reduziram-na a um conjunto de materiais justapostos, assim empobrecendo-a; traduziram-na como uma série de informações fragmentárias ou parciais; classificaram-na como um suporte concentrado de informações sem qualquer valor nem significado em si mesmo, como fazem nos métodos de *surveys* de pesquisa. Para muitos desses profissionais, as narrativas são vistas como exemplo ou uma ilustração dentro de um quadro interpretativo mais amplo, eles usam-nas como uma representatividade numérica; com isso, a qualidade do material narrativo cede lugar para uma representação estatística. Ferrarotti (2007, p. 20-21, tradução minha) lembra que essas táticas não são novas, tampouco desinteressadas:

A controvérsia contra a precisão no sentido quantitativo nos estudos interpretativos sobre a experiência social no seu sentido literal não é uma questão atual. Basta parar por um momento para considerar a questão, e imediatamente se acumulam na memória os nomes e títulos que, apesar da polêmica, têm dado sustentação e argumentos a ensaístas literários, historiadores da economia e da ciência, por exemplo de Lionel Trilling e Dwight MacDonald a John U. Nef e A. Koyré, para não mencionar um sociólogo recentemente falecido, com um passado político turbulento, mas, que não se cala, Jules Monnerot (1946)¹⁶.

Para combater esses usos indevidos das fontes de abordagem (auto)biográficas, o autor conclama: “Devemos voltar a trazer para o coração do método biográfico os materiais primários [as narrativas ou relatos (auto)biográficos recolhidos por um pesquisador, em geral por meio de entrevistas realizadas em situação face a face] e sua subjetividade explosiva” (FERRAROTTI, 2010, p. 43). Esse grande interesse do pesquisador, é preciso lembrar, não se atrela exclusivamente “à riqueza objetiva do material biográfico primário, mas sobretudo à sua pregnância subjetiva no âmbito de uma comunicação interpessoal complexa e recíproca entre o narrador e o observador” (FERRAROTTI, 2014, p. 70). No que diz respeito às pesquisas no campo educacional, o chamado de Franco Ferrarotti também se aplica, pois

os desafios lançados para a consolidação da pesquisa (auto)biográfica no campo educacional brasileiro são, portanto, múltiplos, principalmente quando se considera a diversificação de abordagens, a amplitude de suas temáticas e as possibilidades de entradas oferecidas pelo trabalho com as escritas de si na contemporaneidade, nas Ciências Humanas e Sociais. (PASSEGGI; SOUZA; VICENTINI, 2011, p. 382)

Para Ferrarotti (2010), o uso crescente de dados provenientes dessa abordagem teórico-investigativa responde a uma dupla exigência: uma renovação metodológica e uma ciência das mediações. E o uso de narrativas (auto)biográficas pode assegurar a mediação entre uma história individual e a história social.

Toda a vida humana se revela, até nos seus aspectos menos generalizáveis, como a síntese vertical de uma história social. Todo o comportamento ou ato individual nos parece, até nas formas mais únicas, a síntese horizontal de uma estrutura social. (FERRAROTTI, 2010, p. 44)

¹⁶ La polémica en contra de la precisión en sentido cuantitativo en los estudios interpretativos sobre la experiencia social en su sentido literal no es un asunto de hoy. Basta detenerse por un instante para considerar la cuestión, y de inmediato se amontonan en la memoria los nombres y los títulos que, a la polémica, han dado piezas de apoyo y argumentos, los ensayistas literarios a los historiadores de la economía y de la ciencia, por ejemplo de Lionel Trilling y Dwight MacDonald a John U. Nef y a A. Koyré, por no mencionar a un sociólogo recién desaparecido, de pasado político turbulento, pero no por ello para guardarlo en silencio, Jules Monnerot (1946).

As defesas de Franco Ferrarotti e de outros pesquisadores que utilizam a abordagem (auto)biográfica em suas investigações e/ou orientações vêm crescendo “graças às coletâneas organizadas por António Nóvoa (1988 [obra escrita com Finger]; 1995; 1995a)” (PASSEGGI; SOUZA; VICENTINI, 2011, p. 379), emergindo outra maneira de conceber a formação nas pesquisas educacionais brasileiras. Para os autores,

a potencialidade das pesquisas com fontes (auto)biográficas vincula-se ao movimento biográfico no Brasil, no contexto de expansão das pesquisas na área educacional (SOUZA; SOUSA; CATANI, 2008), seja no âmbito da História da Educação, da didática e formação de professores, bem como em outras áreas que tomam as narrativas como perspectiva de pesquisa e de formação (PASSEGGI; SOUZA; VICENTINI, 2011, p. 379).

Isso acontece por muitas razões, mas há uma que congrega todas, a confiança construída pelo pesquisador com o participante da pesquisa. A confiança é um dispositivo que ultrapassa os protocolos dos comitês de ética, mas claro que não os substitui. Contudo, é um passo importante, mesmo que demorado e difícil, para valorar a produção dos dados, como nos alerta Ferrarotti (2007, p. 26, tradução minha):

É claro que a leitura de documentos biográficos coloca problemas mais complexos do que uma mera elaboração estatística de respostas pré-codificadas. Para começar, a recolha de histórias de vida pressupõe, como já sublinhei anteriormente, uma relação de confiança entre entrevistador e entrevistado¹⁷.

Por essa razão, é fundamental combater a ideia de que as narrativas podem ser usadas como exemplificações ou uma ilustração dentro de um quadro interpretativo mais amplo. “A vigilância epistemológica, recheada de sensibilidade, disciplina, respeito e ética às narrativas dos narradores que aceitaram fazer parte de uma pesquisa são essenciais para a escrita da narrativa do pesquisador” (MOURA, 2019, p. 114) e para a constituição de um campo teórico-metodológico em que as narrativas não são ilustrações nem um esboço dentro de um quadro interpretativo mais amplo.

Este campo não aceita a neutralidade como base do fazer pesquisa e do rigor científico, pois temos total consciência que o tal rigor quantitativo, acrítico, despreza a maneira qualitativa de fazer investigação. Para os pesquisadores que fazem uso da abordagem (auto)biográfica, “o rigor científico, em seu próprio sentido historicamente consciente, chama-o¹⁸” (FERRAROTTI, 2007, p. 26, tradução minha). Assim, em comunhão com as defesas de Franco Ferrarotti e outros pesquisadores que utilizam a

¹⁷ Es claro que la lectura de documentos biográficos pone problemas más complejos que una mera elaboración estadística de respuestas precodificadas. Para empezar, la reunión de las historias de vida presupone, como antes he subrayado, una relación de confianza entre entrevistador y entrevistado.

¹⁸ el rigor científico, en sentido propio, históricamente consciente, la llama.

abordagem (auto)biográfica em suas investigações, asseverei nas pesquisas que realizei (MOURA, 2015, 2019) que neutralidade não existe nessa abordagem de fazer pesquisa. E como pesquisador, tive a difícil tarefa de não silenciar as vozes dos narradores, muito menos usá-las como uma simples transcrição de dados para justificar ou defender minhas ideias.

Um último ponto nessa difícil tarefa é não sacralizar as narrativas, nem as romantizar. Na abordagem (auto)biográfica em fazer pesquisa, a sacralização e/ou a romanização de narrativas podem ocorrer caso a vigilância epistemológica do pesquisador seja descumprida. O vale tudo não é qualificativo para conceber uma narrativa, faz-se necessário situá-la no espaço-tempo, correlacioná-la com os condicionantes históricos e culturais e, assim, ter acesso, a partir da abordagem (auto)biográfica, a estratos sociais e estruturais de comportamentos do sujeito ou de um grupo.

PALAVRAS INCONCLUSAS

Com o compromisso de problematizar as potencialidades da abordagem (auto)biográfica no fazer pesquisa, assim como de abordar os desafios que ainda enfrenta no tocante a sua validação teórico-metodológica, posso dizer, ao final deste artigo, que muitas são as potencialidades da abordagem, mas os obstáculos para sua validação teórico-metodológica também são reais.

Dentre as potencialidades da abordagem (auto)biográfica, destacamos sua inserção dentro da investigação hermenêutica, dando sentido e compreendendo a experiência vivida e narrada. Por meio dessa abordagem de fazer pesquisa, produzem-se dados empíricos em conformidade à formação das trajetórias guiadas pelas experiências, possibilitando identificar por meio de quais mecanismos e processos os seres humanos chegam a uma dada situação, como se dedicam para administrá-la e até mesmo suplantá-la.

Fazer pesquisa guiando-se pela abordagem (auto)biográfica é entender que a narrativa é o lugar em que o humano toma forma, elabora e experimenta a história de sua vida em estrutura de texto, o qual é vívido e carregado de sentimentos polissêmicos. É entender também que o humano tem um corpo biográfico, singular-plural, que é um sujeito da formação que faz da tomada de consciência uma estratégia para (trans)formar-se e, assim, criar projetos de si.

Quanto aos desafios da abordagem (auto)biográfica, evidenciamos a constante tentativa de aproximá-la aos métodos de *surveys* de pesquisar, reduzindo os dados de uma investigação de abordagem (auto)biográfica a um conjunto de materiais justapostos, sem

qualquer valor nem significado em si mesmo. Chega-se a traduzi-los como uma série de informações fragmentárias, uma ilustração e, ainda, uma representatividade estatística.

Também há pesquisadores que colaboram com os desafios da abordagem (auto)biográfica, empobrecendo-a epistemologicamente ao sacralizarem ou até mesmo romantizarem as narrativas em suas investigações. Por isso, defendo a necessidade da vigilância epistemológica que todo pesquisador deve ter ao produzir dados e analisá-los.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, M. H. M. B.; BOLÍVAR, A. Trayectorias epistemológicas y prácticas de la investigación (auto)biográfica en educación en Brasil y España. In: ABRAHÃO, M. H. M. B. **La investigación (auto)biográfica en educación: miradas cruzadas entre Brasil y España**. Granada: EUG; Porto Alegre, 2014. p. 8-33.

BENJAMIN, W. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221. (Obras Escolhidas, v. 1).

BERTAUX, D. **Narrativas de vida: a pesquisa e seus métodos**. Tradução de Zuleide Alves Cardoso Cavalcante e Denise Maria Gurgel Lavallée. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

BOLÍVAR, A.; DOMINGO, J.; FERNÁNDEZ, M. **La investigación biográfica-narrativa en educación: enfoque y metodología**. Madrid: La Muralia, 2001.

BUENO, B. O. O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 11-30, jan./jun. 2002. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ep/a/fZLqw3P4fcfZNKzjNHnF3mJ/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 15 jun. 2014.

BUENO, B. O. [et al.]. Histórias de vida e autobiografias na formação de professores e profissão docente (Brasil, 1985-2003). **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 385-410, maio/ago. 2006. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ep/a/D3dkY9Z7VMn8WxY64Nv5gpd/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 15 jun. 2014.

DELORY-MOMBERGER, C. **Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto**. Tradução de Maria da Conceição Passeggi, João Gomes da Silva Neto e Luis Passeggi. 2. ed. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2014.

DELORY-MOMBERGER, C. Formação e socialização: os ateliês biográficos de projeto. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 359-371, maio/ago. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v32n2/a11v32n2.pdf>>. Acesso em: 28 set. 2014.

DINIZ-PEREIRA, J. E. A formação acadêmico-profissional: compartilhando responsabilidades entre as universidades e escolas. In: TRAVERSINI, C. *et al.* (Org.).

Trajetórias e processos de ensinar e aprender: didática e formação de professores. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008, v. 1, p. 253-267.

FERRAROTTI, F. **História e histórias de vida:** o método biográfico nas ciências sociais. Tradução de Carlos Eduardo Galvão, Maria da Conceição Passeggi. Natal: EDUFRN, 2014.

FERRAROTTI, F. Las historias de vida como método. **Convergencia**, Toluca, v. 14, n. 44, maio/ago., p. 15-40, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1405-14352007000200002>. Acesso em: 28 set. 2017.

FERRAROTTI, F. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, A.; FINGER, M. (Org.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010. p. 31-57. (Coleção Pesquisa (auto)biográfica ∞ Educação. Clássicos das histórias de vida).

GABRIEL, G. L. **Narrativas autobiográficas como prática de formação continuada e de atualização de si:** os grupos-referências e o grupo reflexivo na mediação da constituição identitária docente. Curitiba: CRV, 2011.

GALVÃO, C. Narrativas em educação. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 11, n. 2, p. 327-345, 2005. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ciedu/a/H5hSMRYMyjhYtBxqnMVZVJH/?lang=pt>>. Acesso em: 28 jun. 2014.

GERMANO, I. M. P. Aplicações e implicações do método biográfico de Fritz Schütze em psicologia social. In: ENCONTRO NACIONAL DA ABRAPSO, 15., 2009, Maceió. **Anais [...]**. Maceió: Faculdade Integrada Tiradentes, 2009. p. 1-10.

JOSSO, M.-C. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. **Educação**, Porto Alegre, ano XXX, n. 3 (63), p. 413-438, set./dez. 2007. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/viewFile/2741/2088>>. Acesso em: 20 nov. 2015.

JOVCHELOVITCH, S.; BAUER, M. W. Entrevista narrativa. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som:** um manual prático. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 90-113.

MOURA, J. F. **Pesquisa-formação:** marcas, resistências e apropriações reveladas pela escrita de si no processo de formação acadêmica do estudante de Pedagogia que ensina(rá) Matemática. 2019. 228 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade São Francisco, Itatiba-SP, 2019.

MOURA, J. F. **Narrativas de vida de professores da educação infantil na constituição da formação docente:** as marcas e as ausências da matemática escolar. 2015. 177 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade São Francisco, Itatiba-SP, 2015.

MOURA, J. F.; NACARATO, A. M. Narrativas revelando projetos de si na trajetória de formação docente. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica**, Salvador, v. 4, n. 12, p. 1125-1140, 26 dez. 2019. Disponível em:

<<https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/6019>>. Acesso: 10 abr. 2021.

NACARATO, A. M. (Org.). **Pesquisas (com) narrativas**: a produção de sentidos para experiências discentes e docentes. São Paulo: Livraria da Física, 2018.

NACARATO, A. M.; MOURA, J. F. (Org.) **Como nos tornamos pesquisadores narrativos**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022.

NÓVOA, A.; FINGER, M. Introdução. In: NÓVOA, A.; FINGER, M. (Org.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Natal: EDUFERN; São Paulo: Paulus, 2010. p. 21-29 (Coleção Pesquisa (auto)biográfica ∞ Educação. Clássicos das histórias de vida).

PASSEGGI, M. C. Narrar é humano! Autobiografar é um processo civilizatório. In: PASSEGGI, M. C.; SILVA, V. B. (Org.) **Invenções de vidas, compreensão de itinerários e alternativas de formação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 103-130.

PASSEGGI, M. C. Narrativas da experiência na pesquisa-formação: do sujeito epistêmico ao sujeito biográfico. **Roteiro**, [S. l.], v. 41, n. 1, p. 67-86, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.unoesc.edu.br/roteiro/article/view/9267>>. Acesso em: 19 jan. 2022.

PASSEGGI, M. C.; SOUZA, E. C.; VICENTINI, P. P. Entre a vida e a formação: pesquisa (auto)biográfica, docência e profissionalização. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 27, n. 1, p. 369-386, abr. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/edur/v27n1/v27n1a17.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2013.

SCHÜTZE, F. Pesquisa biográfica e entrevista narrativa. In: WELLER, W.; PFAFF, N. (Org.). **Metodologias da pesquisa qualitativa em educação**: teoria e prática. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 210-222.

SEIXAS, P. C. O método biográfico na formação de professores: uma abordagem crítica. In: LEITE, L. *et al.* (Org.) **Didática e metodologias da educação**. Braga: Departamento de Metodologia da Educação/Universidade do Minho, 1997. p. 909-919.

SOUZA, E. C. A arte de contar e trocar experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 25, n. 11, p. 22-39, jan./abr. 2006. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/8285>>. Acesso em: 20 jul. 2013.

SOUZA, E. C. Dimensões e desafios da pesquisa (auto)biográfica no atual contexto brasileiro. Entrevista concedida em 30 de janeiro de 2020, por Elizeu Clementino de Souza (UNEB) a Ednardo Monteiro Gonzaga do Monti (PPGED/ UFPI)2 e Alexandra Lima da Silva. **Rev. Caminhos da Educação**: diálogos, culturas e diversidades, Teresina, v. 2, n. 1, p. 188-209, jan./abr. 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufpi.br/index.php/cedsd/article/view/2427>>. Acesso: 25 nov. 2022.

RAMOS, M. D. P.; OLIVEIRA, R. C. M.; SANTOS, M. R. Estado da arte da pesquisa (auto)biográfica: uma análise do portal de periódicos capes. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 2, n. 5, p. 449-469, maio/ago. 2017. Disponível em: <<https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/3054>>. Acesso: 25 nov. 2020.

RICOEUR, P. A *tripla* mimesis. In: RICOEUR, P. **Tempo e Narrativa. Tomo I.** Tradução de Claudia Berliner. Revisão de Márcia Valéria Martinez de Aguiar. São Paulo: Martins Fontes, 2010. p. 93-147.

WELLER, W. Tradições hermenêuticas e interacionistas na pesquisa qualitativa: a análise das narrativas segundo Fritz Schütze. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPEd, 32., 2009, Caxambu. **Anais** [...]. Caxambu: ANPEd, 2009. p. 1-16.

Como citar:

ABNT

MOURA, J. F. de. As potencialidades da abordagem (auto)biográfica e os desafios em sua validação teórico-metodológica. **Interespaço: Revista de Geografia e Interdisciplinaridade**, v. 9, n. 02, e202324, 2023. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.18764/2446-6549.e202324>>. Acesso em: 30 dez. 2023.

APA

MOURA, J. F. de. As potencialidades da abordagem (auto)biográfica e os desafios em sua validação teórico-metodológica. *InterEspaço: Revista de Geografia e Interdisciplinaridade*, v. 9, n. 02, e202324, 2023. Recuperado em 30 dezembro, 2023, de <http://dx.doi.org/10.18764/2446-6549.e202324>



This is an open access article under the CC BY Creative Commons 4.0 license.
Copyright © 2023, Universidade Federal do Maranhão.

